

Casas de Papel: livrarias, editoras e tipografias na correspondência trocada entre Capistrano de Abreu e João Lúcio de Azevedo

Paula Virginia Pinheiro Batista*

O objetivo desta pesquisa é analisar as práticas de leitura e escrita da história expressas na correspondência trocada entre os historiadores João Capistrano de Abreu e João Lúcio de Azevedo entre os anos de 1916 a 1927. Ambos participaram ativamente do campo intelectual, respectivamente, no Brasil e em Portugal. No presente artigo analisamos os comentários que os missivistas faziam sobre suas leituras, numa busca de apreender que tipo de apropriações eles faziam desses livros partilhados entre eles, enfocando a troca de romances e obras de ficção. A partir das cartas, buscamos expor algumas das condições de produção e circulação das suas obras, bem como as estratégias de publicação e divulgação das mesmas.

Palavras-chaves: *Capistrano de Abreu – Comunidade de Leitores – Correspondências*

Não basta falar de livros mediante um código específico. É preciso imprimi-los, estocá-los, vendê-los, embalá-los e expedi-los. Assim vai-se das palavras às coisas!

A amizade epistolar entre Capistrano de Abreu e João Lúcio de Azevedo foi alimentada pela colaboração mútua do cotidiano do ofício do historiador, cotidiano esse composto pelas pesquisas nos arquivos, pelas leituras compartilhadas e pela prática diária da escrita.

* Doutoranda em História Social da UFC. paulavir@ig.com.br

¹ DARNTON, Robert. A história da leitura. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992. p. 22.

The objective of this research is to analyze the practices of reading and writing of history expressed in correspondence between historians John Capistrano de Abreu and Joao Lucio de Azevedo between the years 1916 to 1927. Both participated actively in the intellectual field, respectively, in Brazil and Portugal. In this present article we analyze the comments that the correspondents were on their readings, in a

quest to apprehend what kind of appropriations made these books they shared between them, focusing on the exchange of novels and works of fiction. From these letters, we seek to expose some of the conditions of production and circulation of their works, as well as strategies for publication and dissemination of the same.

Keywords: Capistrano de Abreu - Community of Readers - Mailings

Para Bourdieu, “existir socialmente é ocupar uma posição determinada na estrutura social (...), é pertencer a grupos, é estar encerrado em rede de relações (...) que se lembram sob a forma de obrigações, de dívidas, de deveres, em suma, de sujeições”². Os círculos de convivência, como os institutos e as academias, eram lugares de sociabilidade intelectual, onde os “homens de Letras” se congregavam. De tal modo, Capistrano e João Lúcio eram frequentadores dessas associações: Capistrano era um frequentador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Gabinete Português de Leitura e da Biblioteca Nacional, já João Lúcio frequentava a Academia de Ciências de Lisboa e a Sociedade Nacional de História. Durante pelo menos 12 anos entre 1916 e 1927, eles discorreram sobre seu cotidiano nas cartas que trocavam entre si.

Capistrano dizia sentir-se deslocado de sua época, mas criou diversas estratégias para se inserir no campo intelectual brasileiro. Recusou o convite da Academia Brasileira de Letras e o Prêmio Pedro II do IHGB, mas frequentava as reuniões desta instituição, escrevia artigos para o periódico da mesma e acompanhava o seu cotidiano. E mais, frequentava a casa de alguns membros do IHGB e confabulava, com os amigos, pedidos de emprego.

As relações sociais que eles teceram no decorrer da amizade epistolar foram fundamentais para o reconhecimento de sua posição no campo cultural. Souberam atuar politicamente através de uma convivência intelectual nos diversos grêmios influentes no período. Capistrano e João Lúcio tinham a História como um dever e viveram-na como uma verdadeira “profissão de fé”.

² BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 42.

Capistrano se aproximou de alguns intelectuais lusitanos, como João Lúcio, com intuito de estabelecer intercâmbios e também de penetrar no mundo dos arquivos portugueses. Essas cartas revelam as práticas de pesquisa, como ir aos acervos, anotar, copiar, contratar copistas. Também descrevem as dificuldades da escrita, o domínio das fontes. As correspondências permitem vislumbrar a trajetória de suas investigações históricas.

A tarefa do historiador era apurar fatos, buscar a exatidão dos acontecimentos; por isso, a busca pelos documentos se tornou primordial. Capistrano localizou fontes, copiou-as, publicou documentos, crônicas e obras sobre o Brasil colonial para transformar esses dados e informações em textos históricos que traziam suas reflexões sobre o processo histórico vivido no país. João Lúcio também se tornou um dos grandes conhecedores da documentação existente em Portugal sobre assuntos que se referiam ao Brasil.

Nos arquivos, há poucos traços da existência de leitores, mas essas cartas nos mostram esses dois historiadores trocando confidências literárias. Na maioria das vezes, Capistrano lia os livros e emitia julgamentos literários. A correspondência trocada entre Capistrano e João Lúcio funciona como um catálogo dos livros lidos por eles no início do século XX. Ler essas cartas de Capistrano nos oferece as dimensões sociais da república das Letras no Brasil, e através delas podemos vislumbrar uma classificação dos autores lidos por ele e seus círculos de amizades.

A sede de leitura de Capistrano e seu intercâmbio intelectual com João Lúcio permitiram que eles estabelecessem trocas livrescas entre os dois países. As epístolas indicam também um pouco do cotidiano das livrarias, apresentando parte do sortimento de livros dessas “casas de papel”.

Os intercâmbios intelectuais marcam significativamente a escrita da história desenvolvida sobre a interferência de pares intelectuais, com trocas de documentos, livros, opiniões e afetos. O diálogo epistolar estabelecido entre esses dois intelectuais estimulava a produção historiográfica de ambos, além de propiciar a colaboração mútua entre uma rede de outros intelectuais.

Neste artigo, optamos por historiar a amizade entre os dois a partir da trajetória de Capistrano de Abreu, relacionando a amizade epistolar com um cotidiano de leituras e livros. Entretanto, as cartas de Capistrano de Abreu com um

acervo documental diversificado possibilitam compor inúmeras interpretações com enfoques diferentes.

Além de livros e leituras, Capistrano e João Lúcio também enfocam os locais onde esses livros circulavam: as tipografias, editoras e livrarias. Estão presentes os mexericos, as intrigas e as bisbilhotices do mundo letrado, a partir dos seus julgamentos “lapidares” acerca dos tipógrafos, livreiros e editores.

Em 1923, quando Capistrano pretendia mudar-se do Rio de Janeiro para São Paulo, para morar com Domingos Jaguaribe, Carlos Werneck escreveu:

Viveria triste, longe dos seus amigos, e *habitués*, longe de suas livrarias. A visitinha habitual ao Briguier, ao Garnier, onde encontra sempre este ou aquele outro perguntador; a consulta ao Instituto Histórico ou à Biblioteca Nacional; a palestra de volta, na Livraria Científica, com o Edgar Mendonça ou o Fernando; o jantar das 4^a feiras à Rua Sorocaba ou os almoços dos domingos no Curvelo... tudo acabaria por fazer-lhe muita falta e conduzi-lo de novo à Guanabara. São pequenas cousas, ninharias, mas que formam a vida quotidiana e das quais um velho não se desapega facilmente.³

A carta revela um pouco dos hábitos cotidianos de Capistrano, e também de alguns homens de Letras. Segundo Tânia Bessone, “as livrarias eram locais de convívio e sociabilidade de leitores e tentavam manter-se às vistas desses interessados”⁴.

As livrarias e editoras são locais com os quais Capistrano sempre esteve envolvido por diversos motivos. Frequentava as principais livrarias da cidade do Rio de Janeiro - Garnier, Laemmert, Leuzinger, Francisco Alves, Briguier -, com as quais entreteve contratos profissionais e pessoais e sobre as quais encontramos alusão na sua correspondência.

A presença de Capistrano no comércio de livros do Rio de Janeiro vem de sua chegada à cidade em 1875, quando foi trabalhar na livraria Garnier. Ao chegar à cidade, Capistrano tinha em mãos apenas uma carta de recomendação escrita pelo romancista José de Alencar: “esse moço, que já é fácil e elegante escri-

³ Carta de Carlos Werneck para C.A., de 12/10/1923. In: ABREU, João Capistrano de. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Ed. org. e prefaciada por José Horório Rodrigues, 2^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; INL, 1977, p. 193.

⁴ BESSONE, Tânia Maria Tavares. *Palácios dos destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870 – 1920)*, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999, p. 91.

tor, aspira ao estágio da imprensa desta corte”⁵. Tornou-se um dos funcionários de uma das principais livrarias do Rio de Janeiro no século XIX e um dos poucos empregados brasileiros contratados pelo livreiro Garnier. Como relata Hallewel, Garnier preferia contratar franceses: “seus principais assistentes tinham nomes como A. Garraux, A. Franchou, H. Puysegur e F. Briguiet”⁶.

Capistrano escrevia críticas literárias de algumas obras publicadas ou vendidas pela livraria/editora. O emprego o aproximava da Imprensa e lhe dava acesso às publicações de uma das principais casas de livros do Rio de Janeiro. Além disso, a livraria era frequentada pela elite intelectual brasileira da época. Segundo Alessandra El Far, a livraria Garnier localizada na famosa Rua do Ouvidor: “reunia todo fim de tarde renomados homens de letras que lá iam para saber as novidades editoriais e participar das discussões literárias em voga”⁷.

Desde 1875, Capistrano escrevia artigos para vários jornais da cidade do Rio de Janeiro como *O Globo* (1875), *Jornal do Comércio* (1876) e *Gazeta de Notícias* (1878), entre outros. Na *Gazeta*, participou ativamente da redação escrevendo artigos para a coluna “Livros e Letras”. A *Gazeta de Notícias* estava instalada na Rua do Ouvidor nº. 70, de onde o jovem jornalista Capistrano de Abreu escrevia cartas aos amigos usando o papel timbrado do jornal. Seu ambiente de trabalho centrava-se principalmente na famosa Rua do Ouvidor, tanto que em 3 de setembro de 1917, ele escreveu ao amigo Domício da Gama, recordando-se das reuniões: “que lhe direi dos nossos amigos? Um a um vão desaparecendo, e quando me lembro de nossas sessões da Rua Nova do Ouvidor, e de sua aparição fulminante nas festas do centenário, hesito se é melhor morrer ou ver morrer, que é afinal em que se resume a vida”⁸.

A livraria Garnier, de seu fundador e editor Baptiste Louis Garnier, editou clássicos estrangeiros e foi uma das primeiras a editar autores brasileiros. Foi responsável também pelo lançamento de romancistas brasileiros, como José

⁵ José de Alencar *apud* HOLANDA, Firmino. *Capistrano de Abreu*. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2002, p. 56.

⁶ HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Ed. da USP, 1985, p. 133.

⁷ EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2006, p. 22.

⁸ Carta de C.A. para Domício da Gama, de 3/09/1917. In: ABREU, J. Capistrano de. *Correspondência... op. cit.*, v. 1, 1977, p. 263

Veríssimo, Olavo Bilac, Artur Azevedo, Bernardo Guimarães, Silvio Romero, João do Rio, Joaquim Nabuco. Baptiste Louis adoeceu e seu irmão, Hippolyte, assumiu a editora, que não arriscava seu nome em autores desconhecidos. Uma das exceções foi Graça Aranha, autor de *Canaã*, o primeiro autor desconhecido no qual ele apostou, cujo sucesso editorial foi um dos maiores do começo do século XX (1902).

Cabe sublinhar que a Garnier era a livraria e editora da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, embora fosse especializada em obras de ficção, publicando autores de reputação garantida, campo que permitiu sua sedimentação no mercado editorial carioca. Também foi essa editora que publicara alguns romances de José de Alencar, escritor responsável pela mudança de Capistrano para a corte em 1875. Somente depois de vinte anos de trabalho, Alencar encontrou uma editora para seus romances: “um editor, o Sr. B. Garnier, que espontaneamente ofereceu-me um contrato vantajoso em meados de 1870”⁹.

Desde seu emprego na Garnier, a frequência de Capistrano às casas de livros da cidade era constante, a ponto do historiador usar as livrarias como referências de seu endereço particular. Em carta a João Lúcio de 1916, ele recomendou: “no Rio moro à Rua D. Luísa, 145 (Glória, às vezes). Para lá ou para a Livraria Brigueit, Rua Sachet, 23º, pode dirigir qualquer cousa que queira”¹⁰. Para Guilherme Studart, avisou: “meu endereço no Rio continua Laranjeiras, 2. – ou Livraria Alves, Ouvidor, 136”¹¹. Ou ainda: “quando me escrever, dirija antes para Gonçalves Dias, 46, caixa do correio 590, Livraria Clássica”¹². Às vezes, solicitava algum livreiro, seu amigo, que pagasse uma conta sua: “pelo vapor passado enviou o livreiro Jacinto Ribeiro dos Santos a meu pedido uma ordem de 40\$ para pagar as colheres”¹³.

⁹ ALENCAR, José. *Como e porque sou romancista*: autobiografia literária em forma de carta. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, p. 74.

¹⁰ Carta de C.A. para J.L.A., de 7/02/1916. In: ABREU, J. Capistrano de. *Correspondência... op. cit.*, v. 1, p. 10.

¹¹ Carta de C.A. para Guilherme Studart, de 20/03/1899. In: ABREU, J. Capistrano de. *Correspondência... op. cit.*, v. 1, p. 148.

¹² Carta de C.A. para Guilherme Studart, de 18/06/1893. In: ABREU, J. Capistrano de. *Correspondência... op. cit.*, v. 1, p. 146.

¹³ Carta de C.A. para Luís Sombra, de 18/04/1912. In: ABREU, J. Capistrano de. *Correspondência... op. cit.*, v. 3, p. 24.

Note-se que o historiador menciona quatro livrarias da cidade como referências para encomendas e correspondências, o que aponta que suas relações não eram específicas apenas com uma livraria, mas generalizava-se por vários estabelecimentos editoriais. Esse era um hábito comungado por alguns “homens de Letras”, como podemos apreender da carta de João Lúcio que também enviava encomendas pessoais às livrarias de Lisboa:

Seu recomendado José Pinto Guimarães desembarcou à pressa, e deixou para mim na livraria do Teixeira o exemplar de Fr. Vicente. Tive pena de o não ver para conversarmos de Você. O volume ofereci-o à Academia das Ciências, ficando eu com o exemplar mandado antes a minha mulher, a que a comovente dedicatória realça o valor. Recebi todos os números atrasados da “Revista do Brasil”; onde sempre encontro cousas com que mato as “saudades da terra”. O discurso de Ruy soberbo, como documento do orgulho e despeito do super-homem.¹⁴

O uso desses espaços para encomenda mostra a assiduidade desses “clientes” aos estabelecimentos editoriais da época. Capistrano frequentava as livrarias do Rio de Janeiro quase que diariamente, impulsionado por diversos motivos, desde a compra de volumes até a revisão de provas da impressão, visto que algumas livrarias também eram editoras de obras.

Alguns de seus amigos, ao saberem de seus hábitos, às vezes procuravam-no em alguma dessas casas de livros: “procurei-o ontem no Alves, mas um pouco tarde; o Sr. já havia saído. Hoje fiz a mesma cousa e sem outro resultado”.¹⁵ Entretanto, segundo Antônio Sales, algum desconhecido ao deparar-se com Capistrano na Garnier, procurava iniciar uma conversa com o historiador, sem muito sucesso:

Em uma ocasião na livraria Garnier, um jovem escritor meu amigo, conversando com ele [Capistrano], tratava-o de “mestre”. De repente Capistrano irritou-se e disse: Porque me chama mestre? Mestre é sapateiro, pedreiro ou carpinteiro. O rapaz ficou de todas as cores, e nunca mais se aproximou dele¹⁶.

¹⁴ Carta de J.L.A. para C.A., de 19/06/1919 – *Acervo do Instituto do Ceará*.

¹⁵ Carta de Max Fleiuss para C.A., de 10/10/1895. In: ABREU, J. Capistrano de. *Correspondência...*, *op. cit.* v. 3, p. 283.

¹⁶ SALES, Antônio. *Reminiscências: Capistrano de Abreu*. Fortaleza: Revista do Instituto do Ceará, t. XLI. 1927, p. 256.

Capistrano entreteve contratos profissionais e pessoais com as principais livrarias do país, entre elas destaca-se também a Livraria Leuzinger, que por muitos anos descrevia seu estabelecimento como “loja de papel”, mas em 1875 passou a imprimir e encadernar volumes, tornando-se “a mais importante encadernadora do Brasil, produzindo trabalhos acima dos melhores padrões europeus, garantindo assim regularmente contratos para encadernar as próprias publicações do governo”¹⁷. Era a tipografia preferida do Governo, em detrimento da Tipografia Nacional, já que foi a Leuzinger e não a Tipografia Nacional a impressora encarregada do *Catálogo da Exposição da História do Brasil* publicado pela Biblioteca Nacional entre 1881-1883.

Datam deste período, então, os contatos profissionais estabelecidos entre Capistrano e a livraria/editora Leuzinger, de propriedade de Georges Leuzinger, editora de dois dos livros de Capistrano: *Descobrimto do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI* (Tese do concurso para o Colégio Pedro II) publicado em 1883 e *Rã-txa Hu-ni-kui*, publicado em 1914. De acordo com Hallewell “o mais importante autor a ser regularmente editado por Leuzinger foi o historiador Capistrano de Abreu”¹⁸.

Estava sempre circulando pela Leuzinger, como relata em carta a Paulo Prado: “todos estes dias tenho ido ao Leuzinger para ver se está brochado o tal volume primeiro”.¹⁹ Ou nessa epístola a Assis Brasil, onde informa que: “acabo de chegar da casa do Leuzinger, donde trouxe 10 exemplares para distribuir pelos jornais. (...) Leuzinger me disse que o volume sai a 500. Entretanto, estou pensando em pô-lo a 2.200, porque tem que se dar a comissão de 20% e é melhor que pague-a o público do que V. ou o Clube”²⁰.

Por ter impresso dois de seus trabalhos na livraria, ele recomendava aos amigos a tipografia e a livraria do Leuzinger. Mas não somente esta, frequentava e recomendava também a Livraria Francisco Alves. Sua relação com o livreiro

¹⁷ HALLEWELL, Laurence. *Op. cit.*, p. 185.

¹⁸ *Idem*, p. 160.

¹⁹ Carta de C.A. para Paulo Prado, de 18/01/1922. In: ABREU, J. Capistrano de. *Correspondência...*, *op. cit.*, v.2, p. 412.

²⁰ Carta de C.A. para Assis Brasil, de 19/09/1882. In: ABREU, J. Capistrano de. *Correspondência...*, *op. cit.*, v. 1,, p. 80-81.

Francisco Alves foi bastante tumultuada. Os dois eram amigos, como aponta Hallewell²¹, mas, depois de um desentendimento, afastaram-se. Além de contatos pessoais, mantiveram contratos profissionais, visto que Capistrano fez três traduções para o livreiro. Entretanto, romperam laços, como relata o historiador nessa carta a João Lúcio, quando da morte do famoso livreiro-editor:

Alves veio para o Brasil muito pequeno, a chamado do tio Nicolau, que tinha uma livraria. Fez estudos no Colégio Vitória e entrou para o comércio, primeiro na casa do tio, depois por conta própria. Em 77 liquidou o que possuía, visitou a exposição e viajou parte da Europa. Na volta o tio chamou-o e afinal ficou senhor da Casa que passou da Rua Gonçalves Dias para o grande prédio na Rua do Ouvidor. Sua fortuna foi adquirida honradamente, por força de trabalho e de vontade. Não era inculco; votava grande admiração a Alexandre Herculano e foi quem fez Sílvio Romero estudar a História de Portugal. Não era avarento: ainda não houve no Brasil quem desse tanto dinheiro aos autores. (...) Fiz para ele três traduções: a da Geografia de Selin, a dos Mamíferos e das Aves do Goeldi. Um dia escreveu-me uma carta declarando rotas nossas relações. Foi um rude golpe: disse-lhe Veríssimo que sentia-o tanto por ele como por mim; continuou amigo até o fim, porém com muita cautela. Uma amizade que se perde é como um vício que se larga: ganha-se com a perda. Nos últimos dezoito anos vi-o duas ou três vezes na rua.²²

Em 12 de outubro de 1887, quando os dois ainda eram amigos, Francisco Alves transferiu a sede da livraria para um imenso prédio na Rua do Ouvidor, inaugurado com grande cobertura da imprensa carioca e diante de “concurso numeroso de pessoas das nossas classes ilustradas, entre as quais notamos a presença de muitos homens de Letras, escritores, membros do magistério, deputados, representantes da Imprensa e do Comércio, etc.”²³. Francisco Alves, livreiro-editor, instalou sua nova livraria num edifício amplo em uma das principais ruas do Rio de Janeiro, projetado para ser a maior casa de livros da cidade, especializou-se em obras didáticas e se tornou o “mecenas da Academia Brasileira de Letras”,²⁴ segundo palavras do próprio Capistrano.

²¹ HALLEWELL, Laurence. *Op. cit.*, p. 210.

²² Carta de C.A. para J.L.A., de 2/07/1917. In: ABREU, J. Capistrano de. *Correspondência...*, *op. cit.*, v. 2, p. 58-59.

²³ BRAGANÇA, Anibal. A Francisco Alves no contexto da formação de uma indústria brasileira do livro. *Anais do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004. p. 7.

²⁴ Carta de C.A. para J.L.A., de 2/4/02/1920. In: ABREU, J. Capistrano de. *Correspondência...*

Este afirma, em relato ao amigo João Lúcio, que a livraria Francisco Alves “especializou-se com livros elementares que fornecia aos Estados às centenas de milhares. Nisto não fez o bem que podia”.²⁵ Alves interessava-se pela História e Geografia do país, temáticas que abordou em algumas obras didáticas editadas pela casa, contribuindo para o desenvolvimento desse ramo editorial no Brasil e sendo considerado o pioneiro do país na publicação de obras didáticas.

Cada livraria da cidade do Rio de Janeiro procurava especializar-se em algum ramo do conhecimento, para não concorrer diretamente com outra casa editorial. Garnier se especializou em obras de ficção, Francisco Alves em obras didáticas, Laemmert editava obras científicas e de história e o livreiro Jacinto Ribeiro dos Santos, que herdou a livraria de Serafim José Alves, dono da livraria Cruz Coutinho, especializou-se em obras sobre Direito, como relata o próprio Capistrano a João Lúcio: “Jacinto é cercado de gente que em cousas de direito o aconselha bem. Há alguns anos atrás esteve quase quebrado: agora prospera. Em uma carta antiga julgo ter-lhe dado algumas informações sobre o modo por que virou livreiro”.²⁶

Em cartas a João Lúcio, Capistrano havia relatado a trajetória do livreiro Jacinto, como nessa de 1918:

A carta de Montalvão encontrei no Gabinete Português, e já pus no correio. Não será igual à que o Instituto publicou na Rev. de 93? Mande separar a carta para copiá-la no outro dia. Dizendo isto ao empregado, que teve algum trabalho em descobri-la, perguntou-me: Por que o Senhor não me encarrega de copiá-la? Fazia tudo direitinho, com a mesma ortografia. – Quanto quer? – Três mil réis. Paguei-os logo. Conto isto, não para que incorpore [sic.] esta verba a meu ativo, mas para falar um pouco da vida alheia. Referiu-me ele há tempos que é filho natural do Cruz Coutinho, do Porto. Este nunca foi diante, ao contrário do que emigrou para cá. Ainda o conheci, e lembro-me da impressão forte que senti a primeira vez que fui à livraria e vi as raridades que acumulara. Morreu sem filhos e o pai veio tomar conta da herança, trazendo umas filhas maduras. Jacinto viera antes, empregara-se em uma fazenda de café no Rio

op. cit., v. 3, p. 388.

²⁵ Carta de C.A. para J.L.A., de 2/07/1917. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 2, p. 58.

²⁶ Carta de C.A. para J.L.A., de 12/05/1920. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 2, p. 160.

ou em Minas, primeiro como trabalhador, depois como feitor. Já conheceria o velho de além-mar? Chegou-se a ele, em pouco tempo estava genro, não muito depois viúvo e senhor da livraria. Há anos atrás parece que lutou com dificuldade e não gozava de bom nome. Venceu: hoje está publicando um comentário do Código civil, em vinte volumes, em que despenderá quatrocentos contos. Continua a saber ler como um trabalhador de enxada, mas cerca-se de bons conselheiros, creio que hoje é o editor mais forte do Brasil²⁷

Capistrano frequentava a livraria de Jacinto, como relata a João Lúcio: “por acaso encontrei no Jacintho o livro de Júlio de Vilhena; li-o, achei bem interessante”.²⁸ Também nos informa sobre os freqüentadores mais assíduos da livraria de Jacinto, entre eles, João Ribeiro: “desde muitos anos vêmo-nos [sic.] com grandes intervalos e não tenho seguido sua evolução. O tempo disponível passa na livraria, do Jacinto, assenta-se na carteira e muita gente o procura”.²⁹ A presença de João Ribeiro na livraria do Jacinto fez João Lúcio enviar um exemplar do seu livro *História de Antônio Vieira* para a livraria: “envio agora um exemplar ao João Ribeiro, endereçado à Livraria Jacinto”.³⁰

Quase vizinho à Livraria Francisco Alves, no número 66 da Rua do Ouvidor, encontrava-se a Livraria Universal dos irmãos Laemmert, com a qual Capistrano teceu fortes laços editoriais. Publicou um opúsculo editado pela casa Laemmert em 1900, intitulado *Descobrimto do Brasil pelos Portugueses* em comemoração ao Centenário do Descobrimto do Brasil.

Além dessa edição, Capistrano e a Casa Laemmert estabeleceram no mesmo ano (1900) um novo contrato para a publicação da 3ª edição da obra *História Geral do Brasil*, de Francisco Adolfo Varnhagen, anotada e prefaciada por Capistrano, como esclarece em carta a Guilherme Studart:

la chegando ao fim da carta, sem lhe falar da cousa principal. A Livraria Laemmert me encarregou de publicar uma nova edição de Varnhagen. Já comecei a impressão e espero dar o primeiro volume até maio: ao todo hão de ser três.

²⁷ Carta de C.A. para J.L.A., de 18/03/1918. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 2, 1977, p. 87-88.

²⁸ Carta de C.A. para J.L.A., de 9/03/1918. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 2, 1, p. 85.

²⁹ Carta de C.A. para J.L.A., de 2/4/02/1920. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 3, p. 389.

³⁰ Carta de J.L.A. para C.A., de 12/05/1919 – Acervo do Instituto do Ceará.

Ficar-lhe-ia muito obrigado se V. quisesse me mandar as notas e retificações que tem sobre ele, e que, não preciso dizer, sairão com o seu nome³¹

Os irmãos Laemmert possuíam os direitos autorais da obra desde a segunda edição realizada pelo próprio autor. Reeditar e anotar a obra de Varnhagen, indicando as fontes utilizadas, era um projeto antigo de Capistrano, no qual investiu muitos anos de pesquisa. Desde 1885, vinha trabalhando na obra: “vou começar um dia destes uma leitura atenta de Varnhagen, no que diz respeito ao século XVI para completar as indicações no que respeita as fontes d’aquele século”.³²

O primeiro volume anotado da obra de Varnhagen só começou a ser publicado em 1907, embora numa edição incompleta, devido em parte ao incêndio ocorrido na Companhia tipográfica do Brasil, do qual apenas se salvou a parte já impressa, ou seja, o 1º volume. Afonso de Taunay esclarece o que aconteceu com a obra no prefácio da terceira edição integral, publicada somente em 1936, diz:

[Capistrano de Abreu] Encetou a penosa empresa com aquela perspicuidade [sic] e honradez que eram as suas e preparou o texto largamente anotado e comentado do que seria a terceira edição integral da História Geral do Brasil. Imprimiu-se o primeiro volume e passou pelo enorme desgosto de ver a quase totalidade da edição e o resto de seus originais desaparecer com o incêndio arrasador da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro. Raríssimos volumes escaparam às chamas³³.

Capistrano não continuou a empreitada da publicação da obra de Varnhagen, que foi continuada por Rodolfo Garcia e publicada integralmente apenas em 1936. O incêndio na Companhia Tipográfica do Brasil transformou a terceira edição de Varnhagen, anotada por Capistrano, numa raridade bibliográfica, como conta Capistrano a João Lúcio em 21 de abril de 1919:

Admirei-me que não conhecesse a edição do Varnhagen que publiquei em 1907. Alcançou as primeiras 371 páginas, ficou suspensa com o incêndio e a falência da Casa Laemmert. Lembro-me vagamente de que entreguei um

³¹ Carta de C.A. para Guilherme Studart, de 5/02/1900. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 1, p. 149.

³² Carta de C.A. para Lino de Assunção, de 11/06/1885. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 3, p. 318.

³³ TAUNAY, Afonso de E. André João Antonil e sua obra: ensaio bio-biográfico. In: ANDREONI, João Antonio. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*. São Paulo: Melhoramentos, 1936, p. IV.

exemplar a José Veríssimo para remeter-lhe. Estarei enganado? Terá se extraviado? Andará ainda passeando? Um exemplar dos Capítulos, mandado a Herbert Smith, só foi recebido sete anos depois. Vou ver se arranjo um para V. Não será fácil, porque a catástrofe do Laemmert perturbou tudo.³⁴

Capistrano encontrou a obra em um sebo da cidade e a enviou para João Lúcio: “afinal descobri num alfarrabista um exemplar de minha gorada edição de Varnhagen. Mandar-lha-ei para Inglaterra, apenas conheça seu endereço”.³⁵ João Lúcio recebeu a obra de Varnhagen anotada por Capistrano, teceu muitos elogios, mas lamentou: “mais uma vez me contristou a história do seu trabalho perdido no incêndio da Imprensa Nacional”.³⁶

Segundo Hallewell, a livraria Universal, dos Laemmert, fechou suas portas em 1909, dois anos depois do incêndio que lhe destruiu a biblioteca e os arquivos. Em 1910, os direitos de publicação dos livros foram negociados com o livreiro-editor Francisco Alves, e os direitos de publicação do *Almanaque Laemmert* foram vendidos ao livreiro português Manuel José da Silva.

Além de publicar na casa editorial dos Laemmert, Capistrano também recomendava a editora aos amigos. Em carta de 1893, quatorze anos antes do incêndio, solicitou a um amigo:

Peço-lhe o obséquio de mandar examinar se existem na Biblioteca os livros juntos, que me serão úteis e talvez necessários no correr da publicação. Caso aí não haja, pedir-lhe-ia que os mandasse vir com urgência pelo correio: a casa Laemmert, para estas encomendas, é muito boa, e se encomendar ao Gustavo que seja expedito, poderemos tê-los em menos de dois meses.³⁷

Os irmãos Laemmert, Eduard e Heinrich, além de fundar a Livraria Universal, logo passaram a editar livros e inauguraram a Tipografia Universal. Os negócios com livros prosperavam e eram bastante diversificados, publicavam almanaques, clássicos da literatura, dicionários, coleções, obras técnicas e acadêmicas.

³⁴ Carta de C.A. para J.L.A., de 21/04/1919. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 2, p. 125.

³⁵ Carta de C.A. para J.L.A., de 12/06/1919. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 2, p. 133.

³⁶ Carta de J.L.A. para C.A., de 4/02/1920 – Acervo do Instituto do Ceará.

³⁷ Carta de C.A. para Doutor, de 20/03/1893. In: ABREU, J. Capistrano. Correspondência... Correspondência..., *op. cit.*, v. 1, p. 61.

Mesmo tendo relações profissionais, e às vezes pessoais, com os principais livreiros do Rio de Janeiro e de São Paulo, Capistrano, nas cartas que escrevia aos amigos, não deixa de mencionar sua dificuldade de conseguir livros nas casas editoriais do Brasil. A João Lúcio solicita livros, em 1924:

Repito: o dinheiro que está em sua mão não é só para cópias, é também para livros: os livreiros daqui cada vez prestam menos. Por hoje peço-lhe: Caldas: A bula da Santa Cruzada, Coimbra (Não tenho confiança no autor. Da obra do bispo de Betsaida nada me ficou); Hümmerich, Studien, etc., Coimbra; O. de Melo, Ordens Militares Portuguesas, Lisboa; Mário Monteiro, Aleixo Garcia, Lisboa, H. E. G. de Carvalho (Que saberá do assunto? Ou haverá confusão e também sobre os deputados constituintes do Brasil nas cortes?). Tiro estas indicações do número dos Anais. Na capa dos Comentários vejo anunciadas diversas publicações. Todas desejo³⁸

João Lúcio se empenhava para satisfazer a sede de leitura do amigo brasileiro. Em 1925, João Lúcio informa que teve dificuldade de encontrar a obra de Hümmerich:

Pedi para o livreiro de Oxford que costuma arranjar-me os livros alemães, a obra de Hümmerich. Não sei se foi posta no mercado. O exemplar que li pertence a Pedro de Azevedo, oferta do autor. Estão encomendados para Coimbra os volumes 4º a 6º do Arquivo da Bibl. da Universidade, onde verifiquei acharem-se os artigos que deseja. O catálogo de Abel de Andrade não existe na Biblioteca Nacional, nem na Academia. Não foi posto à venda. Com o autor não tenho relações. Ficou de lhe pedir um exemplar o alfarrabista Coelho. Espero a resposta.³⁹

A circulação de livros brasileiros em Portugal também está presente na correspondência desses dois intelectuais. João Lúcio se surpreendeu quando encontrou um amigo seu que conhecia o livro *Capítulos de História Colonial*, já que havia procurado o livro por vários meses em Lisboa sem resultados satisfatórios. Para João Lúcio, a dificuldade de encontrar livros sobre História do Brasil em Portugal devia-se ao fato de que em “Portugal a história do Brasil não

³⁸ Carta de C.A. para J.L.A., da sexta-feira da paixão de 1924. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 2, p. 298.

³⁹ Carta de J.L.A. para C.A., de 17/05/1925. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 3, p. 251.

interessa”.⁴⁰ A busca de livros portugueses no Brasil também era difícil, como revela Capistrano nessa epístola: “para Portugal o caso continua o mesmo. Diziam-me Said Ali: o verdadeiro, quando se quer um livro português, é mais fácil tomar o vapor e ir buscá-lo”.⁴¹ Essas cartas podem indicar carências no trânsito de livros, mas também mostram uma vontade de promover intercâmbios entre os dois historiadores.

Como leitor insaciável, impaciente com as demoras dos pedidos de livro e desejoso de atualizar suas leituras, volta e meia, Capistrano solicitava aos amigos que viajavam para o exterior para enviar obras que não encontrava nas livrarias brasileiras:

Por isso, e porque tenho certeza de que, mandando-os vir por nossos livreiros, não poderei obtê-los, peço-lhe o obséquio de me enviar pelo correio e com a maior brevidade possível: W. H. Bret – Mission Work among the Indian Tribes in the Forest of Guiana (...), W. H. Bret – Indian Tribes of Guiana. W. H. Bret – Legends and Myths of the Aboriginal Indians of British Guiana. Im. Thurm – livro sobre os índios da Guiana, cujo título não conheço. O preço destes livros satisfarei aqui aos seus correspondentes, que julga serem ainda os srs. Sousa & Irmão.⁴²

Esses pedidos eram frequentes, embora alguns livros impressos no exterior fossem obtidos nas livrarias cariocas, como informa Hafkemeyer a Capistrano: “em resposta de sua carta, antes de tudo, comunico que o *Grão Pai* foi impresso em Madri – Gabriel L. del Horns. No Rio o Sr. há de encontrá-lo na Livraria Araújo, mas duvido que lhe dê algo de novo”.⁴³ Contudo, em carta a Lino de Assunção, Capistrano afirmava que algumas encomendas não eram satisfeitas: “encomendas de livros feitas d’aqui para a França, a Inglaterra ou Alemanha são satisfeitas com toda regularidade e presteza, mas para qualquer outra da Europa é uma desgraça”.⁴⁴

⁴⁰ Carta de J.L.A. para C.A., de 25/11/1920 – Acervo do Instituto do Ceará.

⁴¹ Carta de C.A. para J.L.A., de 4/03/1922. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 2, p. 242.

⁴² Carta de C.A. para Barão do Rio Branco, de 22/06/1895. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 1, p. 135.

⁴³ Carta de J. B. Hafkemeyer F. para C.A., de 27/04/1917. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 3, p. 300.

⁴⁴ Carta de C.A. para Lino de Assunção, sem data. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência

As obras logo se esgotavam, em parte, devido ao pequeno número de exemplares impressos, ou porque os livreiros tinham dificuldade de encomendar obras no exterior, como conta Capistrano em carta aos amigos. Em 1918, pergunta a Afonso de Taunay se nas livrarias de São Paulo “já chegou o 3º vol. de Pastells? Por aqui não. Apesar dos lembretes constantes no Briguier. Também o 10º vol. dos An. de la Bibl. de B. Aires ainda não o consegui; parece esgotou-se, apenas impresso”.⁴⁵ Em outra epístola, informa que: “junto um exemplar da Ciropedia, porque não há mais nas livrarias”.⁴⁶

Em carta a Mário de Alencar, de 4 de junho de 1921, diz que não compreende a dificuldade dos livreiros em adquirir os volumes solicitados pelos leitores-consumidores: “não sei por que há tanta dificuldade em arranjar números de revistas. Três de English Hist. Rev., três do Geog. Mag. de Edinburgh, pedidos não sei quantas vezes aos livreiros, Mich. Calógeras me arranhou com a maior facilidade, apenas recebeu a minha carta com o pedido”.⁴⁷

As dificuldades para adquirir os livros publicados no exterior muitas vezes irritavam Capistrano, a ponto de ele afirmar para João Lúcio que a “cidade das letras”, como era chamada o Rio de Janeiro, assemelhava-se a uma aldeia: “quer ver como o Rio é uma aldeia? Há dias mandei comprar no Alves a Inquisição de Alex. Herculano e não havia! É provável que já tenha chegado ou exista em outra livraria. Amanhã verificarei”.⁴⁸ Em carta enviada a João Lúcio, fala da demora nos pedidos feitos aos livreiros: “encomendei ao Briguier com a máxima urgência: A. S. Turbeville, *Medieval Heresy and Inquisition*, London, Crosby, Lockwood, 1920: antigamente uma encomenda chegava em 40 dias, e agora não sei quanto levará”.⁴⁹

de..., *op. cit.*, v. 3, p. 320.

⁴⁵ Carta de C.A. para Afonso de Taunay, de 7/01/1918. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 1, p. 289.

⁴⁶ Carta de C.A. para Conselheiro, de 17/07/1889. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspond v. 1, 1977, p. 56.

⁴⁷ Carta de C.A. para Mário de Alencar, de 4/06/1921. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 1, p. 254.

⁴⁸ Carta de C.A. para J.L.A., sem data. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 2, p. 142.

⁴⁹ Carta de C.A. para J.L.A., do dia de S. Marcos de 1921. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência...

Diante dos embaraços para conseguir livros nas casas editoriais do Brasil, em muitos momentos, Capistrano recorria aos amigos que moravam no exterior - João Lúcio, por exemplo - para que lhe enviassem livros de Lisboa. Mesmo sabendo que havia, entre outras no Rio de Janeiro, a livraria de Solidônio Leite, que era “especialista em livros portugueses”. Para João Lúcio, chegou a declarar que preferia pedir livros ao amigo a algum livreiro: “para completar minha coleção do Arq. Hist. faltam os números: 80/81, 87/88: estes parecem não se vendem separados; por isso recorro à sua intervenção, em vez da de meu livreiro”.⁵⁰

Em outra carta, Capistrano pede um livro que há muito tempo desejava possuir: “a nova edição de Marco Pólo”.⁵¹ O pedido foi respondido por João Lúcio: “o livro de Marco Paulo [sic] deve estar à venda por estes dias, e brevemente, pois, lhe será remetido”.⁵² Esse autor e seu *Livro das Maravilhas* já eram conhecidos de Capistrano, posto que ele é citado no artigo *O descobrimento do Brasil - povoamento do solo - evolução social* (Abreu, 1999, p. 121) que escreveu para o *Livro do Centenário (1500-1900)* publicado pela Associação do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil.

Os livros eram impressos com poucos exemplares e logo se esgotavam, como no caso da edição de *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador. Sobre isso, Capistrano diz a João Lúcio: “quando combinou-se a reedição de Frei Vicente o editor [Weiszflog Irmãos] inquiriu das condições. (...) Deu-me a ler o público instrumento. 500\$ francos, 75 exemplares, dos quais 25 em papel superior. Lá ficou o jamegão final”.⁵³

Apenas 75 exemplares que logo esgotaram nas prateleiras das livrarias. Essa pequena tiragem devia-se, em parte, à lenta marcha das vendas nas livrarias, o que elevava o custo da produção unitária das obras. Diante dos custos e

dência..., *op. cit.* v. 2, p. 209.

⁵⁰ Carta de C.A. para J.L.A., de 18/06/1917. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 2, p. 56.

⁵¹ Carta de C.A. para J.L.A., de 17/11/1921. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 2, p. 228.

⁵² Carta de J.L.A. para C.A., de 26/02/1922. In: ABREU, J. Capistrano de, Correspondência..., *op. cit.*, v. 3, p. 239.

⁵³ Carta de C.A. para J.L.A., de 25 e 26/06/1918. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 2, p. 102.

da longa espera que os livreiros tinham para recuperar o investimento feito, preferiam editar poucos volumes, como no caso do opúsculo escrito por Capistrano de Abreu e editado pela casa Laemmert em 1900, intitulado *Descobrimiento do Brasil pelos Portugueses*, que teve também um número limitado de exemplares, como revela Carlos Bonanni:

Li com interesse e agrado o seu trabalho, e congratulo-me com o senhor porque se decide, ainda bem, a enriquecer a literatura pátria, e especialmente a História do Brasil com estes produtos do seu talento. Ainda mais fico-lhe devedor da minha gratidão porque me quis contemplar no pequeno número daqueles que podem apreciar o seu opúsculo, impresso em número limitado de exemplares.⁵⁴

Quando não editavam, apenas compravam as obras para revendê-las, as livrarias encomendavam um número restrito de volumes para serem comercializados na casa, como podemos apreender da carta de Capistrano para João Lúcio:

Apurei que a Livraria Schettini recebeu apenas três exemplares da sua História de Vieira, Jacinto cinco, Alves pouco mais: foram logo vendidos e não veio nova remessa. Informou-me Taunay há meses que a obra estava à venda na Paulicéia. Como se explica a indiferença do editor? O livro de Rangel, já anunciado na capa do Baião, ainda não chegou, mas este gosta de trazer os livros em sua companhia. Na capelinha da travessa do Marquês de Paraná, aonde Euc. da Cunha é deus e Rangel seu profeta estão esperando.⁵⁵

As livrarias também tinham fortes concorrentes: os caixeiros viajantes. Esse mercado “informal” de livros, que era realizado junto com a venda de diversos produtos, como perfumes, material de papelaria, jornais, permitia uma maior circulação das obras. Para Capistrano, o caixeiro não era muito confiável: “o agente do correio do Prata, italiano de nascença, barbeiro, vendedor de perfumaria, livros e jornais, inspirou-me confiança medíocre. Felizmente parece que nada avocou seu. Por isso repito as encomendas feitas lá”.⁵⁶

Em carta a Mário de Alencar, que também tinha certos receios com relação aos caixeiros-viajantes, Capistrano concorda com o amigo: “V. tem carradas de

⁵⁴ Carta de Carlos M. Bonanni para C.A., de 9/07/1900. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência ..., *op. cit.*, v. 3, p. 297.

⁵⁵ Carta de C.A. para J.L.A., de 12/03/1920. ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 2, p. 147.

⁵⁶ Carta de C.A. para J.L.A., de 23/10/1925. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 2, p. 342.

razão contra os caixeiros-viajantes, e vou mais longe: devem ser proibidos os anúncios de jornais. Privados desta base, não atingiriam a opulência, transformando-se em Pandoras pestíferas”.⁵⁷

Essa aversão aos caixeiros pode ser pensada a partir dos pedidos não atendidos e dessa sede de leitura não saciada de Capistrano de Abreu. Para além das dificuldades de adquirir e encontrar livros, seja nas livrarias ou com os caixeiros, as tipografias também causavam vários atrasos. Em alguns momentos, Capistrano irritava-se com a lentidão das tipografias e ironizava: “mande-me uma corda para me enforcar ou um capanga que liquide a corja da tipografia”.⁵⁸ A lentidão das tipografias, também atingia Lisboa, como relata João Lúcio: “vão no pacote as primeiras quatro folhas do “Vieira”, cuja impressão vai muito demorada, e já perdi as esperanças de ver concluída em julho. A tipografia não chega a dar uma folha por semana. Esperemos”.⁵⁹

Em carta posterior, João Lúcio volta a falar dos atrasos: “no próprio dia em que lhe escrevi ultimamente rebentava no porto a contra revolução. Está pois liberto o meu Antônio Vieira, e se da tipografia houver um pouco de boa vontade poder-se-a [sic] concluir no mês próximo a demorada impressão”.⁶⁰ A impressão ainda iria trazer novos transtornos para o autor como conta em outra missiva: “a última parte acho que ficou empachada na tipografia nas semanas recentes, quando com a regularidade mansa de até aqui, devia estar finda. Receio não corresponda a sua expectativa”.⁶¹

Capistrano, provavelmente, esperasse que as tipografias de Lisboa fossem mais hábeis que as brasileiras. Visto que seus reclames acerca dos serviços prestados pelas tipografias das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo eram constantes. Ainda em 2 de junho de 1886, reclama da lentidão do serviço para Lino de Assunção: “aqui vai tudo com lentidão desesperadora. Apesar de terminados

57 Carta de C.A. para Mário de Alencar, de 6/09/1915. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 1, , p. 236.

58 Carta de C.A. para Paulo Prado, da oitava de anunciação. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 2, p. 480.

59 Carta de J.L.A. para C.A., de 1/05/1918 – Acervo do Instituto do Ceará.

60 Carta de J.L.A. para C.A., de 18/02/1919 – Acervo do Instituto do Ceará.

61 Carta de J.L.A. para C.A., de 25/11/1920 – Acervo do Instituto do Ceará.

os relatórios, na Tipografia [Nacional] têm-me dado muito poucas páginas”.⁶² Passados trinta e seis anos, o quadro pouco se modifica posto que Capistrano continua reclamando do atraso das tipografias para João Lúcio, em carta de 9 de maio de 1922: “o livro já estaria na rua há muito tempo, mas às enlaçarias da tipografia correspondem meus colapsos de preguiça”.⁶³ Em carta a Paulo Prado de 1923, os queixumes diminuem um pouco: “na tipografia o linotipógrafo parece disposto a compor cinqüenta páginas por dia. Os originais das Denúncias pedirão pouco mais de um mês. Amanhã saberei seu balanço”.⁶⁴ Mas volta a falar do atraso das tipografias para Paulo Prado: “o livro [Diário de Pero Lopes]... já poderia estar impresso se as tipografias atuais fossem sérias”.⁶⁵

Não era somente Capistrano que reclamava das tipografias brasileiras. Em maio de 1873, o romancista José de Alencar já falava do atraso da impressão provocada por esses estabelecimentos:

Ninguém sabe da má influência que tem exercido na minha carreira de escritor o atraso da nossa arte tipográfica, que um constante caiporismo torna péssima para mim. Se eu tivesse a fortuna de achar oficinas bem montadas, com hábeis revisores, meus livros sairiam mais corretos; a atenção e o tempo por mim despendidos em rever, e mal, provas truncadas, seriam melhor aproveitados em compor outra obra⁶⁶.

Além da lentidão das tipografias, os tipógrafos, às vezes, faziam greves por melhores salários, como relata João Lúcio em 1922:

Pensava agora estar terminada a impressão dos Cristão-Novos. Faltam as provas emendadas da última folha dos documentos e a composição do índice. Declaram-se em greve os tipógrafos do Porto, reclamando 100 por cento de aumento de salários, e contado para a fêria o 7º dia da semana, em que não trabalham. Quanto tempo durará o conflito não posso saber ainda⁶⁷

62 Carta de C.A. para Lino de Assunção, de 2/06/1886. In: ABREU, J. Capistrano. Correspondência..., *op. cit.*, v. 3, p. 334.

63 Carta de C.A. para J.L.A., de 9/05/1922. ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v.2, p. 246.

64 Carta de C.A. para Paulo Prado, de dia das petas, 1923. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 2, p. 445.

65 Carta de C.A. para Paulo Prado, da oitava da páscoa, 17 de abril. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 2, p. 480.

66 ALENCAR, José. *Op. cit.*, p. 72.

67 Carta de J.L.A. para C.A., de 24/03/1922. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência...,

Em 1927, ele volta a falar de problemas de atraso causados pelas manifestações trabalhistas dos tipógrafos portugueses: “a revista imprimiu-se na Biblioteca Nacional e a revolução dos tipógrafos e demissão destes atrasou a publicação. Creio porém que pôsto [sic.] que com demora se publicará por fim”.⁶⁸ Ainda quando não havia greve, as tipografias atrasavam: “para o caso de aproveitar e com o nervo da guerra almejante, vencer a estupidez e a má vontade das tipografias”.⁶⁹

Mesmo com baixos salários nas tipografias, o preço da impressão era muito elevado, tanto no Brasil como em Portugal. Capistrano reclamava do preço cobrado pelas tipografias para impressão das obras, como nessa carta de 2 de abril de 1886:

Sabes a dificuldade que há de encontrar editor e quanto é cara a impressão entre nós; por isso todos os nossos esforços vinham quebrar-se contra este rochedo. Julguei a princípio vencê-lo com um clube que imaginei, e que não devia ter presidentes, nem sessões, nem nada. Cada sócio publicaria um livro à sua custa, e seria isto a ata e a sessão. Tive muitas adesões... em palavras: escrupulizavam todos passar à frente e ficavam todos parados.⁷⁰

Quando Assis Brasil pediu ajuda de Capistrano para imprimir uma de suas obras no Rio de Janeiro, o historiador procurou algumas tipografias da cidade para saber qual seria a melhor para fazer a impressão. Sua busca nos oferece um panorama dos preços cobrados pelas principais tipografias da cidade em fins do século XIX:

Deixei cair a alma aos pés... quando soube que Leuzinger, que eu julgava ser o mais caro de todos, é exatamente o mais barato. Um meu colega, que com ele falou, diz-me que ele fará a impressão por 35\$ - incluindo a brochura. À vista disto, nem é bom pensar nos outros dois, que, inferiores como artistas, só levam-lhe vantagem em serem mais careiros. Porque Leuzinger é tão barateiro? Perguntei ao meu colega. Em que ganha então? – No papel, respondeu-me: o papel dele, que aliás é bom, é comum: se quiser-se papel especial, a coisa não ficará por menos de 50. A vista disto, tendo-lhe submetido as propostas das três melhores tipografias, fico à espera de sua decisão.⁷¹

op. cit., v. 3, p. 242.

68 Carta de J.L.A. para C.A., de 15/05/1927 – Acervo do Instituto do Ceará.

69 Carta de J.L.A. para C.A., de 09/05/1925 – Acervo do Instituto do Ceará.

70 Carta de C.A. para Lino de Assunção, de 2/04/1886. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 3, p. 326.

71 Carta de C.A. para Assis Brasil, de 15/03/1881. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondên-

Capistrano estava atento ao preço dos livros, ao seu suporte e ao público final das obras. Em epístola para João Lúcio, fala da diferença de preço entre uma obra encadernada e outra em brochura: “no Schettini encontrei um exemplar da *História de Vieira*, encadernado em carneira. Gosto tanto desta encadernação em livros impressos em Portugal, que não resisti. Custou 12\$; em brochura comprei por 4\$ no Alves há meses: é o câmbio”.⁷² Em outra carta datada da sexta-feira da paixão de 1924, confessa ao amigo: “ainda existem aí as encadernações de carneira? Tenho um fraco por elas”.⁷³

Os livros “in-fólio” eram ricamente encadernados, ilustrados e compostos em papel de excelente qualidade, eram os preferidos de Capistrano. Contudo, ele não tinha as mesmas regalias com outros objetos pessoais, como suas roupas, já que optava sempre pelas mais baratas, como relata nessa carta de 6 de setembro de 1915:

A questão do barato e caro é toda pessoal: não compro chapéu-de-sol de mais de cinco mil-réis [5\$], porque costume perdê-los e o prejuízo é menor; não me visto no Raunier porque sou como H. de Melo, de quem dizia Pedro Luís – o antigo ministro: veste-se todo chibante no Raunier, desce apuramado a Rua do Ouvidor, e chega com a roupa machucada na Rua Direita. Minhas finanças não me permitem mais que o Colombo, mesmo isso sem a freqüência que fora para desejar⁷⁴

Capistrano era desses eruditos que apreciavam as belas encadernações nos livros e as impressões de qualidade, embora ele mesmo vivesse “mal encadernado”, nas palavras de Américo Facó.⁷⁵ Seus trajes envelhecidos, paletó amassado, gravata torta e sua compulsão por leitura foram caricaturados por vários escritores contemporâneos, dentre elas, destacam-se as caricaturas elaboradas por Castro Rabello e José Cândido.

cia..., *op. cit.*, v. 1, p. 74.

72 Carta de C.A. para J.L.A., do Ano Bom de 1921. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 2, p. 190.

73 Carta de C.A. para J.L.A., de sexta-feira da paixão de 1924. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 2, p. 298.

74 Carta de C.A. para Mário de Alencar, de 6/09/1915. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 1, p. 236.

75 “Olhos semicerrados de quem poupa / A luz dos próprios olhos... Indolente! / Cabelos, barba de esfiapada estopa. / Para trás, para os lados, para a frente... / Uns ares filosóficos de gente / A quem a vida vai de vento em polpa: / Liga mais ao passado que ao presente / E liga à vida como liga à roupa. / Calçado sem tacão, chapéu sem aba, / Pobre, com aparência de usurário, / E, ao mesmo tempo de, morubixaba: / Tal é o Capistrano, o bem-amado, / Velho erudito, vivo Dicionário / Da História Pátria... mal encadernado”. (Os Três Mosqueteiros de Américo Facó).

Capistrano revela, em sua correspondência, algumas de suas exigências quanto às encadernações dos livros, embora fossem mais caras:

Procurarei novamente Lombaerts para saber quanto ele imprimirá a folha sendo o tipo renaissance. É provável que seja mais barato: mais conveniente, não creio. O elzevir é um tipo elegante e antique, e não deixa de ter graça defender as idéias novas com instrumentos de tempos socialmente bárbaros.⁷⁶

O historiador estava sempre preocupado com o formato das publicações e atento aos detalhes da impressão. Em carta a Afonso de Taunay, fala da impressão da sua obra sobre os bacairis e afirma: “fica mais *chic* imprimir-se tudo de bacairi em itálico”.⁷⁷ Gostava de obras encadernadas, talvez por isso tenha mandado encadernar sua coleção das Atas da Câmara de São Paulo.⁷⁸ Essas coleções encadernadas eram extremamente caras, como revela o próprio Capistrano a Domício da Gama: “coleções completas e encadernadas: nenhuma biblioteca pública do Rio possui estes instrumentos de trabalho”.⁷⁹

Capistrano e João Lúcio estabeleceram trocas livrescas entre os dois países. As epístolas desses dois historiadores mostram, também, um pouco do cotidiano das livrarias cariocas e lisboetas, apresentando parte do sortimento de livros dessas “casas de papel”.

Eram volumes variados que circulavam nesses estabelecimentos, iam desde romances até obras científicas. A aquisição também era variável, ia desde a motivação profissional à indicação feita pelo amigo. Essa circulação de obras no Atlântico, promovida entre os historiadores Capistrano e João Lúcio, aponta para outros lados da produção historiográfica: a própria fabricação da obra. Ou seja, sua execução enquanto objeto cultural, que é escrito pelo autor, mas também impresso numa tipografia e vendido numa livraria.

76 Carta de C.A. para Assis Brasil, de 12/03/1891. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 1, p. 73.

77 Carta de C.A. para Afonso de Taunay, de 9/08/1924. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 1, p. 340.

78 Carta de C.A. para Afonso de Taunay, da oitava dos Reis de 1924. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 1, p. 339.

79 Carta de C.A. para Domício da Gama, sem data. In: ABREU, J. Capistrano de. Correspondência..., *op. cit.*, v. 1, p. 268.

